



1700º ANO DO CONCÍLIO DE NICÉIA E 60º ANO DO ENCERRAMENTO DO
CONCÍLIO VATICANO II DOSSIÊ Nº 2

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n39.p305-320](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n39.p305-320)

**APOSTÓLICOS E APOLOGÉTICOS: UMA REFLEXÃO SOBRE O
MOVIMENTO DE CONSTRUÇÃO DO CORPO DOUTRINAL E
FORMATIVO DA IGREJA CATÓLICA**

APOSTOLIC FATHERS AND APOLOGETICS: THE CONSTRUCTION OF
THE DOCTRINAL AND FORMATIVE BODY OF THE CATHOLIC CHURCH

APOSTÓLICA Y APOLOGÉTICA: UNA REFLEXIÓN SOBRE EL
MOVIMIENTO HACIA LA CONSTRUCCIÓN DEL CUERPO DOCTRINAL Y
FORMATIVO DE LA IGLESIA CATÓLICA

*José Joaquim Pereira Melo**
*Marcos Roberto Pirateli***

RESUMO

A preocupação neste texto é analisar as propostas formativas para o homem cristão, contidas em escritos que alguns Padres Apostólicos e Apologéticos produziram entre os séculos I a IV. O acompanhar os movimentos expressos em suas reflexões é uma forma de compreender suas formas de pensar o cristianismo e a Igreja em seus respectivos tempos, tendo em vista seu desenvolvimento e efetivação. Entende-se que, nesses exercícios pastorais e intelectuais, está expresso o movimento pelo qual a Igreja conheceu a si mesma, dotou-se de uma identidade própria, a católica, e elaborou um corpo doutrinal sistematizado para o seu magistério, norteando os novos pensadores que estavam por vir. Estes aprofundaram, aperfeiçoaram e deram novas orientações a tal legado. Em termos metodológicos, considera-se importante acompanhar essas movimentações, reflexões e produções, pois trata-se de um procedimento que pode desvendar e trazer à luz, na devida proporção, informações privilegiadas para a pesquisa a respeito do tema.

* Doutor, com estágio pós-doutoral em História e Sociedade na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: pereirameloneto@hotmail.com.

** Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - campus Paranavaí. E-mail: marcospirateli@hotmail.com.



Palavras-chaves: Cristianismo primitivo; Padres da Igreja; Formação.

ABSTRACT

We propose to analyse the formation stances for Christians as found in the writings that some Apostolic Fathers and Apologetics produced between the 1st and 4th centuries. Following their thoughts is a way to understand Christianity and the Church in their times, keeping in mind their development and effectiveness. It should be borne in mind that in such pastoral and intellectual exercises there is a movement by which the Church understood herself, created her own Catholic identity and elaborated a systemized body of Christian doctrine for its Magisterium with a view of directing future thinkers. The latter deepened, improved and gave new bearings to the previous tradition. In methodological terms, it is highly relevant to follow such movements, thoughts and productions since it is a procedure that uncurtains in its due proportions privileged information for research on the theme.

Keywords: Early Christianity; Church Fathers; Formation.

RESUMEN

La preocupación de este texto es analizar las propuestas formativas para el hombre cristiano, contenidas en escritos que algunos Padres Apostólicos y Apologéticos produjeron entre los siglos I y IV. Seguir los movimientos expresados en sus reflexiones es una manera de comprender sus modos de pensar sobre el cristianismo y la Iglesia en sus respectivos tiempos, teniendo en cuenta su desarrollo y realización. Se entiende que, en estos ejercicios pastorales e intelectuales, se expresa el movimiento a través del cual la Iglesia se conoció a sí misma, se dotó de identidad propia, católica, y creó un cuerpo doctrinal sistematizado para su magisterio, orientando a los nuevos pensadores por venir. Estos profundizaron, mejoraron y dieron nuevas direcciones a este legado. En términos metodológicos, se considera importante monitorear estos movimientos, reflexiones y producciones, por ser un procedimiento que puede develar y sacar a la luz, en debida proporción, informaciones privilegiadas para la investigación sobre el tema.

Palabras-clave: cristianismo primitivo; Padres de la Iglesia; Capacitación.

1 INTRODUÇÃO

O cristianismo, mesmo que tenha sido estudado e discutido exaustivamente em todos os tempos, construiu um caudal histórico, filosófico, teológico e formativo que, de várias perspectivas, ainda pode ser temática de novas investigações.

Neste artigo, a preocupação é visitar os pensamentos dos cognominados Padres Apostólicos e Apologéticos, que, representando a Igreja nascente dos séculos I a IV, assumiram, em seus respectivos tempos e cada um a seu modo, o papel de construtores e defensores da organização estrutural, doutrinal, filosófica e formativa da Igreja.

Em termos metodológicos, de um lado, considera-se que a compreensão da dinâmica histórica em que estiveram envolvidos esses atores sociais é fundamental para

acompanhar seus pensares e suas reflexões. De outro lado, considera-se que eles retrataram seus respectivos tempos, as comunidades e as personagens a quem se dirigiam e, assim, construíram um inventário elucidador da sociedade em que viveram. Seus objetivos são explícitos em suas exortações: trazer à luz, esclarecimentos e ensinamentos que entendiam ser necessários para a Igreja em seus momentos históricos.

Ao acompanhar o movimento desses homens nas reflexões e produções privilegiadas neste texto como fontes primárias, descobrem-se suas formas de pensar, suas concepções de igreja, as propostas que tinham para essas instituições, em suas diferentes dimensões: doutrinal, organizacional, estrutural, filosófica, teológica e formativa. Descobrem-se também seu papel como atores sociais e políticos nesse cenário em construção. Trata-se de uma perspectiva de abordagem comprometida com o tema em sua historicidade, visto que tais atores foram responsáveis pela construção do que se pretende estudar.

2 PADRES APOSTÓLICOS

Por volta do ano 103, com o desaparecimento do último apóstolo, novos atores sociais cristãos entraram em cena: os Padres Apostólicos. Sem grande ruptura com o conteúdo doutrinal daqueles que viram e ouviram o Mestre, eles deram sequência ao trabalho deixado por seus antecessores.

Naquele momento de incertezas e de imprevistos, esses novos líderes e escritores cristãos preocuparam-se com a organização interna da Igreja. Por isso, suas falas eram dirigidas ao público interno, abalado por crises, tensões e dissidências que afetavam e desarticulavam o projeto transformador do homem. A finalidade era retomar a união e a harmonia entre os irmãos, o que passava pela organização estrutural da Igreja, pelo respeito à hierarquia, pela disciplina e pela vivência dos valores cristãos.

No final do século I e início do século II, destacaram-se, no cenário de ação dos Padres Apostólicos, Clemente Romano (? – 102) e Inácio de Antioquia (? – 110), os quais, ilustrados na cultura clássica e judaica, puseram à disposição da Igreja seus mananciais culturais e intelectuais.

2.1 CLEMENTE ROMANO

Clemente Romano foi uma das personagens cristãs mais representativas do mundo antigo cristão, sendo considerado o terceiro sucessor de Pedro, na cátedra petrina. Segundo a tradição, ele teve contato com Pedro e com Paulo de Tarso.

Pela respeitabilidade e influência demonstradas na função de bispo de Roma, provavelmente em 95, foi-lhe solicitado que procedesse a uma ação apostólica, ou seja, um chamamento a vivência cristã a comunidade de Corinto, abalada por crises internas que afetavam a Igreja de então. Tal ação resultou na *Primeira Carta aos Coríntios*, a ser analisada na sequência.

Já no início da carta, Clemente Romano explicitou que sua preocupação era fazer uma exortação de cunho moral e que seu objetivo era concitar a paz, a concórdia e a harmonia naquela comunidade, segundo os princípios cristãos. Seu objetivo era promover a retomada da disciplina, do respeito à hierarquia e da unidade da Igreja, que estava sendo desrespeitada e perturbada por jovens rebeldes da comunidade que atuavam em desacordo com as orientações dos líderes constituídos (Moreschini; Norelli, 1996).

Para dar vulto didático à locução, Clemente Romano utilizou fatos e personagens consagrados no Antigo Testamento, apresentando vidas virtuosas que se contrapunham às práticas desses jovens de Corinto. Dentre elas, destacou a prostituta Raab, Jó e Isaías como exemplos de fé e obediência (Clemente Romano, 2020, p. 31-36).

Além dessas ilustrações hebraicas, ele se pautou em referenciais do mundo greco-romano, reais ou mitológicos, dos quais retirou exemplos de práticas virtuosas, mesmo que pagãs. Danaides e Dirce, mártires mitológicas, seriam detentoras de virtudes superiores a ser observadas. Também a ordem, a disciplina e o respeito à hierarquia nas legiões do exército romano foram lembradas. Esses modelos deveriam ser observados e vividos pela Igreja de Corinto (Clemente Romano, 2020, p. 27).

Apesar de reconhecer o valor desses referenciais judaicos e clássicos, ele entendia que o exemplo, o modelo formativo por excelência para o cristão, era o próprio Cristo.

Pontifica-se que, na carta clementina, surgiu pela primeira vez na literatura cristã primitiva o conceito de *paideia* cristã, à lume, o “*Christó paideia*”: “[...] participem nossos filhos da educação em Cristo” (Clemente Romano, 2020, p. 40).

Nessa locução, fica evidente que, no entendimento de Clemente Romano, o principal agente da educação divina, aquele que garantiria esse processo transformador e santificador, não era o homem, mas o próprio Deus, por meio do filho Jesus Cristo. Isso porque seu objetivo, sua causa e seu projeto transformador transcendiam a dimensão natural, humana e frágil do homem. Depreende-se desse encaminhamento que, para o autor, a educação cristã já não podia ser orientada pela Lei, mesmo que ainda pudesse preservar um caráter imperativo (Ciordia; Sedano, 2014).

Destaca-se neste texto que a carta clementina não ficou restrita àquela Igreja, mas ganhou espaço e efetividade em outras comunidades cristãs, tornando-se um marco formativo da Igreja nascente.

2.2 INÁCIO DE ANTIOQUIA

Inácio de Antioquia, considerado o segundo bispo da igreja de Antioquia, ficou célebre por seus ensinamentos, por seu amor a Cristo e por sua fidelidade à Igreja. É o que ficou registrado nas sete cartas que escreveu às comunidades cristãs¹ durante a viagem na qual foi levado preso para ser sacrificado em Roma no ambiente de perseguição aos cristãos promovido pelo imperador Trajano (53 – 117).

Sua fidelidade à Igreja e aos mistérios da fé levou-o a conclamar os cristãos para se unirem a Cristo: “Contudo, tornando-nos seus discípulos, abraçamos a vida segundo o cristianismo” (Inácio de Antioquia, 2020a, p. 94). Em nome do amor a Cristo e à causa da fé, ele foi intransigente na defesa da unidade da Igreja, do respeito a hierarquia, da harmonia entre os irmãos, tendo em vista o clima de tensão e de crise decorrente da luta pelo poder entre os membros das comunidades.

Em oposição aos grupos considerados heréticos, dentre os quais os docentistas e os judaizantes, ele sentenciou: “Afastai-vos das plantas más, que Jesus Cristo não cultiva, porque elas não são plantação do Pai” (Inácio de Antioquia, 2020b, p. 110).

¹ Carta aos Efésios, Carta aos Magnésios, Carta aos Tralianos, Carta aos Romanos, Carta aos Filadélfios, Carta aos Esmirnenses e Carta a São Policarpo

Qualificando esses grupos como “corruptores de família” (Inácio de Antioquia, 2020c, p. 87), como “cães raivosos que mordem sornateiramente” (Inácio de Antioquia, 2020c, p. 84), ele afirmou que tal afastamento só seria possível com a integridade da fé e da vivência cristã. Para a superação de todos os males que afetavam a Igreja, ele perorava: “guardai vosso corpo como templo de Deus, amai a união, fugi das divisões, sede imitadores de Jesus Cristo, como também o é do seu Pai” (Inácio de Antioquia, 2020b, p. 112).

Em sua preocupação pedagógica, reafirmou a importância da educação pelo exemplo, já referida por outros grandes nomes da Igreja, pondo em consideração seu próprio sacrifício. Afinal, como estava sendo levado para morrer por Cristo, ele acolhia com amor o comportamento que poderia servir de exemplo aos cristãos que estavam ou seriam submetidos ao mesmo sacrifício. Nesse sentido, a morte seria o momento de libertação, a porta que se abria para ir ao encontro do Salvador: “Só uma coisa importa: que nos encontremos em Jesus Cristo para entrar na vida verdadeira” (Inácio de Antioquia, 2020c, p. 86). A morte deveria ser um momento de alegria, não de tristeza, mesmo que a fraqueza humana levasse ao medo do martírio.

Assim, ele se tornou um referencial para os primeiros cristãos. Sua dureza e sua brandura se confundiam em seus ensinamentos sobre os mistérios da fé.

As vozes ou lavras de Clemente Romano e Inácio de Antioquia, dois grandes nomes da Antiguidade cristã, ecoaram nas igrejas e entre os cristãos tanto daquele tempo quanto depois dele. Nesse movimento de universalidade, eles contribuíram para sedimentar as primeiras bases organizacionais da Igreja e deixaram lições para os pensadores do porvir.

3 PADRES APOLOGISTAS

A partir da segunda metade do século II e avançando para os séculos posteriores, a expansão do cristianismo desencadeou novas preocupações, decorrentes da necessidade de se garantir o desenvolvimento efetivo do projeto da Igreja cristã. Essa dinâmica deu origem a uma nova orientação, que se expressou na produção de um conhecimento que fundamentasse o que se pretendia para a Igreja e promovesse um posicionamento mais adequado ao ambiente que se tornava cada vez mais amplo,

complexo e exigente. Assim, despontaram os pensares filosófico-teológico-formadores dos chamados Padres Apologistas, considerados como os primeiros pensadores e teólogos cristãos.

Esse novo cenário foi marcado por divisões e embates no seio da Igreja. As amplas reflexões filosófico-teológicas que movimentaram a Igreja perfilaram correntes distintas que podem ser agrupadas da seguinte forma: a que defendia um cotejamento do cristianismo com a racionalidade e a que, mais moderada, negava essa aproximação.

Conforme a representatividade que tiveram, destacamos para análise Atenágoras de Atenas (? – 178), Orígenes (253 – 254), Irineu de Lião (? – 203), Cipriano de Cartago (200 – 258), Hilário de Poitiers (315 – 367) e Agostinho de Hipona (354 – 430), homens que marcaram um novo tempo e os destinos da Igreja.

3.1 ATENÁGORAS DE ATENAS

Da vida de Atenágoras, apologista grego, pouco se sabe, exceto que foi um filósofo que, versado na cultura clássica, por ela demonstrou simpatia em seus escritos. Têm-se notícias de que deixou Atenas e mudou-se para Alexandria, onde exerceu o cargo de chefia da escola catequética da cidade.

Das duas de suas reflexões que chegaram até nós: *Súplica em favor dos cristãos* e *Sobre a ressurreição dos mortos*, analisamos a primeira.

Em *Súplica em favor dos cristãos*, direcionada ao imperador Marco Aurélio Antonino (121 – 180) e a seu filho Lucio Aurelio Cômodo (161 – 192), ele estruturou uma defesa dos cristãos, ao mesmo tempo em que refutou as acusações que lhes eram feitas: ateísmo, canibalismo e incesto.

Na primeira frente de defesa, sua argumentação era de que os cristãos não eram ateus, pois professavam sua fé em um Deus único, diferentemente dos romanos que adoravam muitos deuses.

Na segunda, argumentou que os seguidores de Cristo não se dedicavam ao canibalismo, pois seu ritual eucarístico era de celebração e de participação na morte

e na ressurreição de Cristo, da vida em sua plenitude, o que se contrapunha aos espetáculos de horror nas arenas romanas.

Na terceira, centrando-se na acusação de incesto, afirmava que, para o cristão, essa prática era criminosa, contrariava os princípios e os valores cristãos, não tão prezados pelos romanos (Atenágoras, 2018).

Atenágoras fechou a sua petição suplicando que o imperador julgasse os cristãos com justiça e considerasse que estes eram vítimas de difamações, calúnias e mentiras (Atenágoras, 2018, p. 165).

Nesse apologista, é evidente o progresso do pensamento filosófico-teológico cristão. Ele foi o primeiro dos apologistas a tentar desenvolver uma demonstração científica do monoteísmo (Altaner; Stuiber, 1988), se é que se pode falar em ciência naquele momento histórico. Sua contribuição para o pensar cristão fez dele um dos nomes que mais se sobressaiu em toda uma geração de apologistas.

3.2 ORÍGENES

Orígenes é considerado um dos maiores pensadores da Igreja primitiva. Em Alexandria, teve uma formação esmerada, que abrangeu tanto o conhecimento dos textos sagrados quanto o da cultura grega.

Em 203, a convite do bispo Demétrio (? – 232), Orígenes dirigiu, com apenas dezoito anos, a Escola Catequética de Alexandria, de 203 a 231, adquirindo ampla visibilidade, até mesmo entre os chamados pagãos. Afirma-se que, por suposta leitura equivocada do Evangelho, ele se automutilou, fazendo-se eunuco (Quasten, 2004).

Pelos idos de 232, entrou em embate com o bispo Demétrio, que o excomungou, obrigando-o a se transferir para Cesareia, na Palestina. Lá ele fundou uma escola catequética, nos moldes da escola de Alexandria.

Em 254, com a perseguição promovida pelo imperador Décio (201 – 251), Orígenes foi preso, sofrendo todos os rigores do processo. Pouco tempo depois, como resultado dos maus tratos com que foi vitimado durante a prisão, veio a falecer (Folch Gomes, 1979, p. 147).

Seus estudos sobre a Bíblia levaram-no a ser exaltado como fundador da ciência escriturística, tarefa à qual dedicou toda a sua vida (Quasten, 2004).

Em grandes linhas, vale considerar que o ponto de partida e de chegada de seus ensinamentos filosófico-teológicos foi a concepção da natureza de Deus supremo conforme referenciais platônicos como imutabilidade, incorporeidade, ausência de paixão. Nas linhas do mesmo Platão, rejeitou a concepção antropomórfica da divindade.

Nesse exercício filosófico-teológico, ele lançou mão da exegese, o método alegórico. Seu objetivo era colocar em prática suas investigações e interpretações dos textos sagrados fundadas na teoria defendida por Platão a respeito da relação entre mundo sensível e mundo inteligível, entre aparência e realidade e entre sentido superior e espiritual (Orígenes, 2012, p. 101 e 178). Na mesma linha de raciocínio, procedeu à defesa da teoria grega da transmigração e da preexistência das almas, da apocatástase ou restabelecimento de todas as coisas em sua condição original. Isso também foi motivo de sua condenação séculos mais tarde (Blázquez Martínez, 1996, p. 105-106).

Mesmo que as reflexões de Orígenes e seus arrojados filosóficos tenham sido proscritos pelas autoridades eclesásticas, não se pode desconsiderar seu papel para Igreja. Além de ter feito escola, ele se tornou referência para outros grandes pensadores cristãos.

3.3 IRINEU DE LIÃO

Irineu de Lião, filósofo, teólogo, escritor e bispo da Igreja, foi natural de Esmirna, na Ásia Menor, e teve uma apurada formação na cultura grega. Transitou por várias correntes filosóficas e as utilizou em diversas de suas reflexões. Na literatura, destacam-se as referências a Homero (Rops, 1988). Foi discípulo de Policarpo (60-70 – 156), que, por sua vez, foi discípulo de João Evangelista.

Eleito bispo de Lião por volta de 177-178, privilegiou duas frentes em sua ação pastoral: a evangelização da população de Gália, especialmente a do homem do campo; a construção de uma literatura em defesa da unidade da fé, oposta às novidades trazidas pelos gnósticos (Hamman, 1980).

Dentre seus inúmeros escritos, apenas dois ultrapassaram o tempo e chegaram até nós: *Contra as heresias* e *Demonstração da pregação apostólica*.

No primeiro, denunciou uma das mais graves crises internas da Igreja, a gnose, que, no seu entender, ameaçava a unidade e a doutrina da Igreja. Na organização do seu pensar, ele encontrou referencial na tradição apostólica, tendo a revelação como a base do seu conhecimento religioso. Que pese, essa sua orientação, encontrou em aspectos filosóficos e em elementos advindos de cultos orientais conteúdos e argumentos para a defesa e a divulgação de seus ensinamentos (Irineu de Lião, 2014).

No segundo, apresentou um resumo da teologia com a preocupação de evidenciar a verdade trazida pelo Evangelho. Seu ponto orientador foram as profecias contidas no Antigo Testamento que, para ele, encontraram cumprimento e plenitude em Cristo (Irineu de Lião, 2015).

O caráter apologético contido nos escritos de Irineu de Lião não deve levar à ideia de que se trata de uma reflexão para principiantes, mas sim de uma leitura para aqueles mais instruídos nos domínios da fé. Sua preocupação era dar-lhes lastro para que fundamentassem racional e escriturísticamente a fé que professavam.

3.4 CIPRIANO DE CARTAGO

Cipriano nasceu no norte da África, na cidade de Cartago. Por volta de 245, aos 35 anos, já adulto, converteu-se ao cristianismo. Possivelmente em 248, pouco tempo após sua conversão, foi ordenado padre; pouco tempo depois, em 249, foi aclamado bispo de Cartago. Exerceu seu trabalho episcopal até o ano de 258, quando morreu em martírio por perseguição do imperador Valeriano (199 – 260-264).

Com seus escritos pastorais e suas cartas, orientou e ensinou os fiéis de sua diocese, mas, em algumas vezes, direcionou-se para o clero local e de Roma. Dentre suas reflexões de caráter teológico, considera-se que a mais importante é *A Unidade da Igreja*. Na mesma linha de importância estão suas *Epístolas*, que influenciaram o mundo cristão de seu tempo e para além dele. Cipriano foi antes um pastor administrador do que um literato, as letras não o convenceram.

Em seus escritos teológicos ou pastorais, dentre tantos outros temas voltados à formação de homem cristão, expôs sua fidelidade à Igreja, exortou os fiéis para o bom comportamento cristão para que merecessem o prêmio da glória, em vez de castigos (Cipriano, 2016, p. 90-91); apontou a importância da unidade da Igreja e do respeito à hierarquia de papas e bispos, pois, para ele, foi sobre esses que a Igreja se constituiu (Cipriano, 2016, p. 147); orientou os confessores a se guardarem na fé, na lei e na disciplina do Cristo (Cipriano, 2016, p. 91); defendeu a paz e a harmonia entre os cristãos, pois considerava que Cristo, a Igreja, a fé, o povo reunido faziam um só corpo na unidade e na concórdia (Cipriano, 2016, p. 92). Conteúdos morais faziam parte de seus ensinamentos, particularmente os relacionados à mulher: ele elaborou regras de condutas para o que entendia como ideal para a mulher cristã.

A dignidade e a fidelidade no trato da doutrina da Igreja que ajudou a elaborar fizeram de Cipriano um dos grandes nomes do pensamento cristão.

3.5 HILÁRIO DE POITIERS

Hilário nasceu na cidade de Poitiers. Com sólida formação intelectual em retórica e filosofia, preocupou-se em estudar as coisas voltadas para sentido da vida, o que o levou ao domínio dos textos evangélicos e ao batismo (Altaner; Stuiber, 1988).

Foi batizado em 350, já casado e com uma filha. Algum tempo depois, em decorrência da notoriedade que conquistou no meio cristão, foi aclamado bispo de Poitiers pelo clero e pelos fiéis de sua cidade. Em seu magistério episcopal, de imediato, revelou-se como pastor, mostrando a necessidade do estudo, particularmente o das Escrituras Sagradas (Liébaert, 2004).

Seu exercício no magistério episcopal não inviabilizou que, tempo depois, ele combatesse os arianos, que, segundo ele, afetavam as verdades da fé. Por isso, foi perseguido pelo imperador Constâncio (317 – 361), que, tendo aderido ao arianismo, condenou-o ao desterro na Frígia de 336 a 359.

De volta à Gália, continuou se opondo incisivamente aos arianos: promoveu a difusão do ideal monástico e as visitas às igrejas; escreveu tratados dogmáticos, comentários a respeito do *Livro de Jó*; dos *Salmos*; de *São Mateus* e do *Tratado dos Mistérios*; estudou as personagens proféticas do Antigo Testamento e criou hinos litúrgicos para

iniciar e familiarizar os fiéis com a teologia, para proteger a ortodoxia que defendia e para inseri-los mais nas celebrações ritualistas (Rops, 1988).

Por ser um homem de formação clássica, seus esforços não atingiram o resultado esperado em sua cidade, dada a dificuldade da compreensão popular (Hamman, 1980, p. 125).

Com seu amor à Igreja e com sua fidelidade incondicional a Cristo, dedicou-se incansavelmente ao ensino da doutrina que tanto defendeu (Kelly, 1994, p. 310) e que passavam, obrigatoriamente, pela fé na divindade de Cristo, que era o fundamento da Igreja (Hilário de Poitiers, 2014, p. 89).

Ao discutir a natureza de Cristo, não mostrou ter dúvidas de que Ele tinha natureza humana, mas que seu corpo não era terreno e sim celeste: nascera da Virgem, mas originado por Ele mesmo (Hilário de Poitiers, 2014, p. 168).

Quando morreu em 367, Hilário de Poitiers destacava-se como um grande nome da Igreja Ocidental, um importante teólogo e exegeta do Ocidente cristão.

3.6 AGOSTINHO DE HIPONA

Em Agostinho de Hipona, natural de Tagaste, a Igreja encontrou o sistematizador do pensamento dos apologistas que o antecederam. Ele pôs em pauta grandes problemas filosóficos e teológicos, debatendo-os, desvendando-os e ensinando-os. Polemista, criticou duramente as ideias tidas como heresias, as quais vicejavam no seio da Igreja. Em suas reflexões, pôs às claras os desvios daqueles que, segundo ele, tanto afetavam as mensagens da fé e o magistério da Igreja.

Sua trajetória de vida foi conturbada: foi um jovem desregrado e, como professor de retórica e filósofo, passou por várias correntes de pensamento. A leitura de Cícero e de Paulo de Tarso, o encontro com o bispo Ambrósio e o batismo em 387 demarcaram sua construção pessoal e religiosa. Pôs-se a serviço da Igreja, tornando-se padre, bispo, teólogo. Amante da filosofia, buscou conciliar fé e razão, mesmo compreendendo a diferença entre essas instâncias. Segundo ele, a fé levava a acreditar em coisas que nem sempre poderiam ser entendidas pela razão (Agostinho, 1980a, p. 319); à fé cabia colocar verdades ao homem, em sua forma pura, direta e

instrutiva, e à razão, por sua vez, cabia elucidar aquilo que a fé trouxera antecipadamente. Assim, sem afetar a doutrina e os ensinamentos da Igreja, Agostinho de Hipona buscou na filosofia as bases possíveis para atender às necessidades e às demandas da Igreja de seu tempo.

Ele concebia a educação como um processo que responde a um grande problema que marca a existência humana: a situação de conflito em que se vive (Galino, 1973, p. 392-393). Tal quadro leva a pessoa a um estado de inquietação, cuja origem está em sua vontade de encontrar um caminho que lhe possibilite chegar à verdade e à felicidade (Agostinho, 1980b, p. 9). O querer ser feliz é o motor que conduz o homem para esse fim (Agostinho, 1994, p. 433 e 468). Tal preocupação levou-o a dedicar seu pensar à resposta dessa questão, a qual passava por uma investigação sobre a educação.

O caminhar para esse bem, qual seja, a felicidade, segundo ele, correspondia ao processo que definiu como iluminação divina: a alma Iluminado chega ao conhecimento da verdade, mas, para que esta se faça inteligível, faz-se necessária a ação da luz divina. Nesses termos, o conhecimento verdadeiro era uma dádiva concedida por Deus.

Nos dizeres agostinianos, pouco teria a fazer o mestre humano na instrução dos jovens. O mestre, em sua prática, estava limitado a passar informações ou, no máximo, a direcionar seu discípulo para os elementos de juízo contidos em seu interior e para os princípios intelectuais, os quais seriam iluminados pelo Verbo Luz. Em outros termos, ele concebia a educação como uma ação divina, efetivada por meio de Cristo, o único mestre, o Mestre interior, o mestre verdadeiro (Agostinho, 1980a, p. 320 e 323).

Cabe ressaltar que Agostinho não desconsiderava o papel do educador: embora reduzisse suas proporções, não negava a importância e a necessidade de sua colaboração na obtenção do saber.

Frisa-se, finalmente, que as especulações pedagógicas agostinianas são importantes e contribuem para a compreensão da educação em seu tempo. Sua efetividade e

influência fizeram-nas quase gerais na Idade Média, pois foram reconhecidas por pensadores cristão e adotadas pelas autoridades religiosas do período.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em quatro séculos, o cristianismo, enquanto fato histórico, saiu da condição de movimento religioso marginal, promovido por homens simples, sem maiores pretensões, com mensagens morais, simples, para a condição de uma religião hegemônica, organizada estrutural, filosófica, formativa e teologicamente em um corpo doutrinal.

A ação dos Padres da Igreja, fossem Apostólicos, preocupados com o seu público interno, ou Apologistas, voltados para um público externo, foi definitiva para que a Igreja conhecesse a si mesma, construísse uma identidade, a católica, e, por extensão, tivesse um corpo doutrinal filosófico-teológico e formativo próprio.

Ao fim deste texto, considera-se Apostólicos e Apologéticos, em seu devido tempo e com preocupações próprias, assumiram-se como atores sociais: direcionando-se para setores marginalizados e excluídos da sociedade, construíram o que se pode entender como gênese da doutrina social da Igreja.

Considera-se também o papel que assumiram como atores políticos. Ao procederem à leitura de seus respectivos tempos, iniciaram uma ação junto à sociedade e às autoridades imperiais, posicionando-se e criticando as práticas adotadas contra os cristãos, e buscaram o reconhecimento da Igreja e sua legalidade na sociedade, demarcando, assim, o início do papel político que a Igreja exerceria tempos depois.

Considera-se ainda seu papel como atores pedagógicos. Com seus pensares, falas e ensinamentos, formaram o cristão na doutrina e contribuiram para a edificação do que seria a Igreja do futuro. Seus legados fizeram história e fundamentaram os pensadores cristãos que estavam por vir na Idade Média.

Enfim, considera-se que, apesar das diferenças que particularizaram em muito os pensares sob influxos racionais e os mais comedidos em seus arrojados pautados na

razão, houve a prevalência desse último na fundamentação e na orientação da Igreja que se fez no futuro.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980a.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980b.

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. **Patrología**: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

ATENÁGORAS DE ATENAS. Petição em favor dos cristãos. In: **Padres Apologistas**. São Paulo: Paulus, 2018.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María. **El nacimiento del cristianismo**. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.

CIPRIANO DE CARTAGO. **Obras Completas I**. São Paulo: Paulus, 2016.

CIORDIA, Javier Vergara; SEDANO, Alfredo Rodríguez. Devenir institucional de la formación sacerdotal hasta el Concilio de Trento. **Revista de Estudios Extremeños**. Tomo LXX, p. 513-518, 2014.

CLEMENTE ROMANO. Primeira carta de Clemente aos coríntios. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2020.

FOLCH GOMES, Cirilo. **Antologia dos Santos Padres**: páginas seletas dos antigos escritores eclesíásticos. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

GALINO, María Ángeles. **Historia de la educación**. 2. ed. Madrid: Editorial Greda, 1973.

HAMMAN, Adalbert. **Os Padres da Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Inácio aos magnésios. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo, Paulus, 2020a, p. 91-96.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Inácio aos filadelfienses. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo, Paulus, 2020b, p. 109-114.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Inácio aos efésios. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo, Paulus, 2020c, p. 81-90.

IRINEU DE LIÃO. **Demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2015.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**: Denúncia e refutação da falsa gnose. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

KELLY, John Norman Davidson. **Patrística**: Origem e Desenvolvimento das Doutrinas Centrais da fé Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LIÉBAERT, Jacques. **Os Padres da Igreja**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. **História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ORÍGENES. **Tratado sobre os Princípios**. São Paulo: Paulus, 2012.

QUASTEN, Johannes. **Patrologia I**: Hasta el concilio de Nicea. Madrid: B. A. C., 2004.

ROPS, Daniel. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 1988.

SANTO HILÁRIO DE POITIER. **Tratado sobre a Santíssima Trindade**. São Paulo: Paulus, 2014.